Winnicott pensador. Apontamentos tomados com um olhar filosófico

Irene Borges-Duarte

IWA/PRAXIS/Universidade de Évora

Resumo: No presente texto, procuro apresentar, numa aproximação sintética, o que considero serem os contributos mais claros e destacados de Winnicott para a cultura filosófica. Sem desvirtuar a sua origem médica e de psicanalista, procuro encontrar pontos de encontro e de originalidade na configuração da consciência filosófica do nosso século. Atendo, fundamentalmente, (1) ao seu ponto de partida, divergente de Freud, numa lógica da relação e não meramente do desejo; (2) à via de desenvolvimento, de aí decorrente, que é a da abertura do mundo como espaço potencial para o encontro; e (3) a alguns dos pontos de chegada a que ela conduz, nomeadamente a concepção do *self* como dinâmica integradora e a cultura como espaço transicional em que o *self* se joga vitalmente.

Palavras-chave: Winnicott; relação; desejo; espaço transicional; self; cultura

A Psicanálise nasceu na época em que a atenção ao humano chegou a ser uma preocupação científica nova e versátil, quer do ponto de vista do acesso à vida mental, quer do da realização cultural. A constituição da *psyche* e a dinâmica histórica ocuparam lugares de relevo no catálogo das novas ciências, no século XIX, e na reflexão filosófica de feição antropológica. Mas a ingerência do modelo biológico na investigação dos processos mentais e da chave política na pesquisa histórica impediram que aspectos fundamentais da realização humana da existência individual e coletiva fossem tratados com igual relevo.

Freud, que conseguiu juntar ambas as vertentes, nunca conseguiu libertar-se, porém, do modelo biologista da constituição psíquica e da origem dos processos culturais. A repercussão dessa linha de análise na filosofia contemporânea foi poderosa e contribuiu para concepções importantes, em grande medida centradas no que poderíamos chamar *teorias do desejo* e das suas metamorfoses.

Só no pós-guerra dos dois confrontos mundiais se afirmam compreensões alternativas, em que o ser humano deixa de ser reduzido a um campo de batalha pulsional, para ser *reconhecido como um ser eminentemente relacional, constituído pelo encontro afetivo* com o mundo em que vive e com os outros com que convive. Esse viver e conviver mostra-se capaz de integrar, a seu tempo, as diferentes experiências e motivações que compõem a dinâmica vital, sem as reduzir ao desejo.

O pensamento de Donald Winnicott, surgido da prática clínica, tem lugar neste contexto, que ele enriquece especialmente (1) ao definir o *tempo do amadurecimento* como o elemento

fundamental do tornar-se humano, isto é, da realização saudável e plena da vida humana; e (2) ao mostrar este processo como uma paulatina *aceitação e integração* do que se experiencia na constituição do si mesmo. Assim, partindo da prática clínica e de uma formação científica, oferece à filosofia muito que pensar.

Esta breve referência histórica permite-me reunir os elementos que me parecem decisivos para o desenho do que considero ser o contributo de Winnicott (1988/1990) para uma antropologia no contexto do pensamento contemporâneo e, ao mesmo tempo, a razão que me levou e leva a porfiar no seu estudo. Vou expô-lo muito sinteticamente, começando por mostrar como descobri o autor e como o integro no meu percurso, que interroga a Psicanálise no âmbito da Filosofia e da Cultura contemporâneas.

1. O meu percurso: como cheguei a Winnicott?

Parti, na verdade, da importância da Psicanálise – Freud, fundamentalmente – para a compreensão do ser humano, enquanto sujeito ativo e sensível no mundo da vida. Um pouco como Paul Ricoeur que, tendo uma formação fenomenológica, mas de raiz kantiana (que privilegia a práxis) e hegeliana (que atende ao processo de realização), estava interessado em estudar a ação humana, e não tanto as estruturas cognitivas, na formação e manifestação do ser à maneira humana. Empenhado em buscar as motivações da vontade, Ricoeur foi à descoberta da Psicanálise, pensando que seria uma breve investigação intermédia. Mas de aí resultou um período intenso de entrega ao contributo freudiano, que atravessou 5 anos da sua vida e culminou numa obra fundamental, embora quase ignorada pelos psicanalistas – *Da interpretação. Ensaio sobre Freud* (Ricoeur, 1965) – além de dar lugar a outros muitos textos de menor envergadura, incluídos sobretudo em *O conflito das interpretações* (Ricoeur, 1969). À minha maneira, com resultados decerto muito mais modestos, procurei em Freud o surgir das motivações que se traduzem nas formas de vida do ser humano, na sua relação com os outros e consigo mesmo. E nas veredas do bem viver e mal viver que elas manifestam. Mas este meu caminho transformou-se com o estudo da fenomenologia hermenêutica heideggeriana, pela sua crítica do sujeito, que constitui a figura fundamental da modernidade, e do biologismo da psicanálise freudiana, que constitui uma derivação positivista dessa mesma figura. A orientação para a análise existencial heideggeriana acentuou a atenção à temporalidade e historicidade da existência, num processo de aceitação *transformadora* do mundo, isto é, de projeção de possibilidades de vida – quer individual, quer coletiva.

O encontro com Zeljko Loparic e com Elsa Oliveira Dias, em Évora (2006) e em Lisboa (2007), contribuiu decisivamente para o entrecruzar-se do meu percurso fenomenológico, já muito crítico da linha subjetivista, com a psicanálise de Winnicott, crítica ela própria do biologismo freudiano mas também das linhas que, de uma ou outra maneira, dão continuidade ao primado da sexualidade e da *libido* como *motor* unilateral da vida humana e raiz das perturbações patológicas.

Este encontro deu-se na mesma época em que a proximidade de António Coimbra de Matos foi igualmente marcante, quer no encontro analítico, quer no trabalho teórico, permitindo um especial aprofundamento das perspectivas que as novas vias da Psicanálise trazem à compreensão do ser humano. Pelo Coimbra, aproximei-me da AP¹, onde encontrei velhos amigos, como o José Carlos Coelho Rosa, colega dos meus anos da Faculdade de Letras, e a Joana Espírito Santo, que passaram agora a integrar uma área de trabalho, para além da inicial esfera da amizade. E fiz, naturalmente, novos e fecundos conhecimentos, como o da Maria do Rosário Belo, que desde o primeiro momento me pareceu claramente uma winnicottiana por eleição.

Esta breve narrativa mostra como cheguei a integrar-me na Associação Winnicottiana Portuguesa e a participar no seu 1º Colóquio². Muito foi feito, entretanto, a que assisti e em que colaborei, com gosto, na medida das minhas possibilidades e com o meu olfato pessoal de investigadora.

Mas o meu interesse e empenho continua a ser o inicial: *filosófico*. O filósofo não é um intelectual esquecido do corpo e do mundo, em exercício mental unilateral, mas alguém que procura abarcar o humano e os seus campos de ação e de saber, de um modo articulado e compreensivo. Não é um cientista encerrado num laboratório com os seus objetos de observação e análise. É alguém que procura entender como é possível que tudo se conjugue, como é possível o todo, a que o humano está indelevelmente ligado e que constitui a vida de todos e de cada um.

No meu percurso acadêmico, tenho defendido, desde o primeiro momento, a importância filosófica da Psicanálise³, quer enquanto leitura do humano, na sua manifestação

¹ Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica.

² O presente texto constituiu o meu contributo ao 1º Colóquio da Associação Winnicottiana Portuguesa, que teve lugar no Funchal (Ilha da Madeira), em 29 e 30 de junho de 2023, contando com a participação de Zeljko Loparic e de outros colegas brasileiros. Na presente versão, revista e ligeiramente ampliada, decidi manter o cunho de oralidade daquela apresentação, guardando o tom comunicativo da ocasião, menos acadêmico e mais informal, ligado à celebração do primeiro encontro da Associação.

³ A interpenetração da interrogação psicanalítica com questões filosóficas de todos os tempos foi especial objeto da minha atenção em “A ontologia fenomenológica ante o desafio clínico” (Borges-Duarte, 2018).

plena (isto é, salutar), quer enquanto revelação dessa *barreira porosa, que une e separa* – une separando e separa unindo – o são e o doentio. Não propriamente de um ponto de vista normativo, que acaba sendo o do médico no seu exercício profissional, tratando de curar um enfermo; mas do ponto de vista do existencial, bem humano, que é o do *estar alerta e cuidar* do que somos, da nossa condição precária e vulnerável. Neste sentido, *a Psicanálise – no seu todo de sentido, teórico e prático* – é uma das mais importantes contribuições históricas para a compreensão do que possa responder-se à quarta pergunta kantiana: O que é o humano? Pergunta que Kant (1972, p. 75) formulou como sendo uma síntese das três anteriores: que posso conhecer?; que devo fazer?; que me é permitido esperar? A Psicanálise está, por isso, à altura dos contributos filosóficos mais importantes, que podemos encontrar ao longo da nossa história.

Com este introito, gostaria de, muito brevemente, trazer aqui apenas alguns comentários, tentando sintetizar o que me parece especialmente relevante de Winnicott para o pensamento antropológico contemporâneo. À sua maneira, Zeljko Loparic (2006) considera a novidade deste contributo como uma autêntica revolução científica: a “revolução winnicottiana”.

2. A compreensão winnicottiana do humano. Alguns apontamentos.

Passo a registar, muito abreviadamente, três aspectos que me parecem fundamentais do que penso que essa “revolução” significa: relativamente ao *ponto de partida* teórico, que subjaz ao trabalho clínico e respectivas descobertas; à *via de desenvolvimento* dele decorrente e dele resultante; e ao(s) *ponto(s) de chegada* do caminho feito.

2.1. Ponto de partida ou principal

A primeira novidade do que significa globalmente o contributo de Winnicott reside, no meu entender, em que o seu *ponto de partida* para compreender a ação e vida humanas não consiste – como era leitura maioritária não apenas na Psicanálise do seu tempo, mas também na Filosofia em geral – no *desejo* como vetor fundamental da natureza humana, mas na *relação*. Antes do desejo – mesmo na sua forma mais elementar como pulsão – está a relação. O desejo é já uma forma de relação, mas não a única, nem sequer a primeira na gênese do ser humano. O bebê, que nasceu separando-se do receptáculo uterino em que se sentia confortável, só procura o que pressente como estando já aí. Embora sem consciência de nada, sabe-se *em relação* e a resposta do meio – da mãe, do seio – ao recém-nascido permite-lhe restaurar esse saber sem consciência. Antes da pulsão, está o sentir ou pre-sentir relacional. Assim

compreendo também a tese de Coimbra de Matos (2008), que defende o primado da relação, de que nasce o amor, sobre a pulsão, que nasce do corpo e procura aliviar tensões⁴. A relação não é, pois, apenas o que se estabelece entre dois indivíduos já separados (pelo nascimento), mas o que guarda primordial e tacitamente a união fusional do que ainda não se sabe/sente separado.

São *duas lógicas diferentes*: a do desejo (sempre de algo/alguém concreto) e a da relação (aberta ao que chegue, sem determinação prévia de quê/quem).

A *lógica do desejo* é a do impulso, da vontade de ter (*ob-ter*) algo, de que sente a falta. Pressupõe um “quê”. Antes de sentir essa falta, havia apenas continuidade e plenitude, sem nada concreto. Por isso, o *desejo* – que busca repor a plenitude perdida – *engendra o ob-jecto*: dá sentido de seio ao seio, que deveras já esperava lá estar. E, se ele não está à sua disposição, sente a falta de continuidade da sua inconsciente expectativa. Se detecta *ob-stáculos*, fecha-se. Subtrai-se no subjetivo.

O desejo é, pois, também uma forma de relação, mas de um tipo particular: linear, unidimensional, preparando o que chegará a um estágio egoico. A pulsão parte de dentro para fora e cria, nesse movimento linear, o objeto de desejo, seja a nível biológico, seja, mais tarde, simbólico. Freud, marcado pelo biológico, e Lacan, atento fundamentalmente ao simbólico, obedecem a essa lógica. Também Schopenhauer, filósofo da vontade, e Nietzsche ao falar da “vontade de poder”, iam na mesma linha, filosoficamente.

A *lógica da relação* é outra: é a da abertura afetiva ao indeterminado; da afeição que funde o afetar com o ser afetado. Não cria um objeto, apenas *abre o espaço de chegada* para o que tacitamente se espera estar lá, sem se saber o quê. Naturalmente, é traumático... se não está. Mas, se está (suficientemente bem), surge a interação, em circularidade. Esta abertura cria contextos, horizontes: abre-se à circulação, ao encontro e não ao mero vaivém sujeito-objeto. O bebê no colo da mãe é o contexto primordial em que se desenvolve a possibilidade de relacionalidade, a possibilidade de amplificação do campo relacional: boca-seio, olhar-rostro, proximidade tátil-fundo.

Também na Filosofia se deu esta consideração do relacional – neste sentido alheio ao subjetivo-intersubjetivo, isto é, ao que está marcado pela separação inicial e pela consequente

⁴ Permito-me citar a afirmação no seu contexto: “A sexualidade é do domínio do provisório; o afeto, do duradouro. Mas a grande diferença é que a sexualidade nasce do corpo; o amor, da *relação*. O sexo tem uma finalidade biológica – aliviar tensões, como aliás Freud viu bem. O amor tem uma finalidade social – criar laços. [...] O amor nasce *da e na* relação. Nasce no ser amado. [...] Primeiro foi o ‘útero mental’ da mãe – foi a galinha, não foi o ovo. Ao contrário da biologia, em que primeiro foi o ovo (resultante da mutação genética que lhe deu natureza diferente). Em psicologia é de modo inverso. Quando falha o ‘útero mental’ parental, há o recurso ao ‘útero mental’ do analista – pois é difícil encontrar uma pessoa livremente disponível, embora possa acontecer: um grande amor, dizia Winnicott” (Coimbra de Matos, 2008, p. 27).

necessidade de agarrar o outro em falta. O contexto relacional é o da filosofia hermenêutica, com diversos desenvolvimentos, que implicam o dialógico e a circularidade hermenêutica, que não vou aqui explicitar.

Deste princípio de compreensão da relação decorre uma forma de procurar o que se vai constituindo, pouco a pouco, na circularidade interativa dos que integram esse espaço, e admitindo novos integrantes.

2.2 Via de desenvolvimento resultante do primado da relação

A primeira resultante da relação é, portanto, a *abertura do espaço potencial de encontro* como meio ou ambiente, em que se dá virtualmente a continuação da plenitude ou bem-estar inicial. Esse espaço de relação – que começa por ser o que Winnicott chama o colo da mãe – ir-se-á ampliando aos ambientes de manipulação e jogo, aos quartos onde a criança vive, à escola, ao jardim etc., até a abrangência paulatina do pequeno e grande mundo da vida, que se traduz em cultura. Nesse espaço crescente, mas seletivo, vão sendo integrados outros membros, em triangulações sucessivas, que acabam sendo individualizadas, numa relação que já não é fusional mas individuada, dando lugar à construção de identidades. A separação não está no início, mas é, naturalmente, um elemento fundamental do processo humano de amadurecimento, de individuação, de aprendizagem.

Esse espaço, onde a vida de cada um tem lugar, é, porém, criação própria, integradora e garantia da possibilidade de trânsito vital, de crescimento e amadurecimento. Fazendo-se espaço, cada um – de criança a adulto – faz a experiência de si mesmo e dos outros, das coisas e das situações, que lhe permitem construir sua identidade, mas sem se encerrar nela solipsisticamente, e sim, pelo contrário, expondo-se ao que vem ao encontro da sua confiança. O que, evidentemente, pode resultar frustrado e obrigar a desenvolver defesas. São saudáveis as que não implicam fechamento ao novo, à existência múltipla, à aventura. São potencialmente doentias as que excluem a possibilidade do novo, por medo à dor, por desconfiança do desconhecido. O processo de amadurecimento tem que realizar-se contrabalançando o bom e o mau do que vem ao encontro no espaço intermédio, que é o nosso mundo quotidiano, e desenvolvendo estratégias de relação. É neste contexto que surge a estratégia do “falso *self*”, de que não vou falar mais, mas que tem um lado defensivo positivo, embora possa converter-se numa armadilha, se usurpa o lugar da espontaneidade mais originária.

Em qualquer caso, o núcleo egoico vai-se edificando nesse espaço ampliado, em que se realizam as transições constitutivas da existência, integrando as gentes, os acontecimentos e as experiências vividas. É virtualmente nesse espaço transicional que a vida e existência de cada

um se joga, sem necessária identificação nem fobia. Ele deriva da abertura relacional e não da fixação em objetos de desejo, concretos ou míticos. Deriva da aceitação do que se dá, e não da prefiguração de objetivos pulsionais à vontade.

O segundo aspecto a registrar é, no meu entender, a caracterização da dinâmica vital como um *tempo de amadurecimento* (Dias, 2003/2012) mediante a *integração de experiências* vividas: do próprio corpo, em primeiro lugar, dos espaços transicionais que surgem à sua medida, e das impressões afetivas, das emoções, das interações, que escapam à acuidade mental, mas guardam a força das relações concretas, das situações e da proximidade dos agentes. Também, finalmente, da própria capacidade mental, que tende a separar-se do que contempla como objeto e requer, portanto, uma reapropriação em forma existencial. O ir amadurecendo é um processo hermenêutico temporal. É um registo e elaboração de tudo o que é percebido vivencialmente. É memória, mas também imaginação. É aceitação e integração do viver e do vivido numa *unidade de sentido vital*, capaz de ser reconhecida como minha: experiência do meu em mim, pertença do meu *self*. Mas também é o reconhecimento do que não é meu, de aquilo que não integro como meu e identifico como alheio. E aqui, muito haveria que dilucidar acerca dos processos patológicos de expulsão do que, em mim, não quero aceitar como meu, mantendo-o fora, numa estratégia de defesa patogênica, como a que Melanie Klein (1946/1987) descreve como “identificação projetiva”, por exemplo⁵.

Sem me estender nestes pontos, penso contudo que deixo gravadas as três características que considero mais importantes da via winnicottiana, que parte do primado da lógica da relação sobre a do desejo: a *abertura* que permite a amplificação do espaço potencial para as transições, mediante a incorporação do novo multimodo; o que se dá numa *dinâmica integradora* de tudo o que se experiencia na unidade de um *self*; e tudo isto acontece num crescendo temporal à maneira de um *amadurecer* rítmico, confiante na continuidade do ser. Esta descrição traduz o que é a natureza humana na sua expressão saudável, que pode ver-se afetada por processos de fechamento ou de desintegração, determinantes de paragem de crescimento ou saltos atrás a estádios primitivos, por falta de um ambiente capaz de responder suficientemente bem às necessidades do indivíduo nas suas fases de dependência absoluta⁶.

A terapia, por isso, não se concebe como uma intervenção interpretativa das vicissitudes e frustrações do desejo e da libido; mas, fundamentalmente, como um passaporte aos momentos

⁵ Fique apontado o problema, embora sem que possa aqui entrar nele.

⁶ Esta minha leitura deve à obra de Elsa de Oliveira Dias (2003/2012), já citada, o modelo de coerência e dinamismo que permite uma concepção unitária de muitos aspectos, amiúde dispersos, da ampla produção winnicottiana. Constitui um marco incontornável para uma compreensão integrada e coesa da contribuição de Winnicott não só para a Psicanálise, mas também para a Antropologia filosófica.

de fechamento e desintegração, para reabilitar a capacidade de abertura, mesmo se mediante a regressão a uma fase de dependência. Em vez de se alertar para o trauma recalcado e a sua reminiscência, procura-se permitir reconstruir o processo de amadurecimento, em algum dos seus estádios.

2.3 Ponto(s) de chegada

A concepção do acontecimento terapêutico já remete, na verdade, para o que considero como um dos pontos de chegada desta linha analítica winnicottiana. Mas são dois os aspectos teóricos que não quero deixar de sublinhar, mesmo que seja de maneira meramente enunciativa.

O primeiro diz respeito à *concepção do si mesmo humano* – do *self*, que é uma forma de falar do eu, que não se contempla estritamente em primeira pessoa, mas numa auto-apropriação, pela que se vê no espelho, como um outro de que se apropria. Não esqueçamos a expressão de Ricoeur (1990), que deu título a uma das suas obras: *Soi-même comme un autre*. Esta forma de falar de cada um de nós como um *si-mesmo*, desliga-se da concepção tradicional do *eu* como unidade inicial, para se deslocar para alguém que *não parte* de si como ser pulsional, antes *chega a si-mesmo* por um processo de integração unificador do que se vai apresentando na sua experiência de vida⁷. O que implica ter que ver-se como outro, mais para lá da *sua* imagem no espelho, de que se apropria lentamente. *O eu não é, então, um ponto de partida, mas um ponto de chegada*. O que, de certo modo, debilita a importância de um eu identitário como fortaleza defensiva, admitindo o jogo natural, quer do núcleo mais originário e autêntico, quer das máscaras mais dependentes do pacto social. A noção tradicional de eu-sujeito debilita-se.

O segundo aspecto complementa este, incorporando na gestão quotidiana, que o *self* tem de fazer da própria vida, a *cultura como espaço transicional em que ela se joga*. Ao contrário de Freud, para quem o mundo cultural começa por ser o que se sobrepõe, contradiz e frustra o domínio das pulsões sobre o ego, constituindo este como um campo de batalha, para Winnicott a transição pelo espaço cultural está desde o primeiro momento aberta pela aceitação do peito materno na primeira mamada. A cultura vem com a confiança na continuidade do ser. Se essa confiança se rompe, por falha ambiental, é todo o processo integrativo que é posto em cheque e, portanto, é essa falha polivalente que terá de ser acompanhada na terapia.

Fico por aqui, na minha breve reflexão sobre a importância filosófica do pensamento de Winnicott. Não tive a intenção de tocar todos os pontos que podem interessar à Filosofia, mas apenas aqueles que, como espero ter mostrado, considero de maior acuidade para o que a

⁷ Tratei esta questão um pouco mais amplamente em Borges-Duarte, 2021, pp. 30-33.

própria Filosofia e a Cultura contemporâneas têm desenvolvido, por uma ou outra das suas vias de trabalho. Penso que, no seu conjunto, estas modestas achegas são ilustrativas da novidade da sua concepção da “natureza humana”, em sintonia com alguns filósofos atuais. Mas a integração dessa perspectiva na minha, tal como a tenho exposto em diversos escritos e conferências, tem deixado o seu cunho num aspecto muito particular: a necessidade de pensar o ser humano não meramente como feito e acabado, isto é, como um ser adulto em pleno exercício das suas possibilidades ontológicas, mas como ser vulnerável e em devir, que necessita ser cuidado para amadurecer. A concepção do humano como ser temporal, capaz de amadurecer, fazendo tempo, integra-se, pois, numa filosofia do cuidado.

Referências

- Borges-Duarte, I. (2018). A ontologia fenomenológica ante o desafio clínico. In C. V. Ribeiro, (org.), *Ontologia e Psicanálise: diálogos possíveis* (pp. 9-24). São Paulo: DWWeditorial.
- Borges-Duarte, I. (2021). O primado do relacional em Winnicott. A leitura de Andre Green. In C. V. Ribeiro e E. S. Santos (orgs.), *Winnicott e a Filosofia* (pp. 25-40). São Paulo: DWWeditorial.
- Coimbra de Matos, A. (2008). Freud: sexualidade e morte. In I. Borges-Duarte (org.), *A Morte e a Origem. Em torno de Heidegger e de Freud*. Lisboa: CFUL.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. 2ª ed. São Paulo: DWWeditorial, 2012.
- Kant, I. (1972). Conceito da Filosofia em geral. In J. Barata-Moura (org.), *Kant e o conceito de Filosofia* (pp. 27-95). Lisboa: Sampedro.
- Klein, M. (1946). Notes on Some Schizoid Mechanisms, In M. Klein, *The Writings of Melanie Klein. Vol. III*. London: The Hogarth Press, 1987.
- Loparic, Z. (2006). De Freud a Winnicott. Aspectos de uma mudança paradigmática. *Natureza Humana*, 8, 1, pp. 21-47.
- Ricoeur, P. (1965). *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Paris: Seuil.
- Ricoeur, P. (1969). *Le Conflit des Interprétations*. Paris: Seuil.
- Ricoeur, Paul (1990). *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil.
- Winnicott, D. W. (1988). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.